

CONRADO BITTENCOURT, PATRONO DO 3º B. E.

Coronel A. DE LYRA TAVARES

Transcrito da "Revista Militar Brasileira" de Janeiro-Junho de 1954

O 3º Batalhão de Engenharia passou a chamar-se Batalhão Conrado Bittencourt, em virtude de Decreto recente em que o Chefe do Governo aprovou e mandou executar a sugestão que lhe apresentou o Ministro da Guerra, como chefe do Exército. Bem sei como é auspiciosa a notícia para os camaradas da Arma de Engenharia, sobretudo para os que, lá em Cachoeira do Sul, à beira do Jacuí, mourejam, cheios de entusiasmo, para que o 3º BE seja cada vez mais eficiente como unidade de Engenharia de combate. E ninguém ignora que isso depende principalmente do espírito militar dos quadros e da tropa, do seu preparo para as missões de combate, da mentalidade de equipe. Pairando acima de tudo isso, há o que ainda mais importante: o orgulho de pertencer a uma unidade de escol, como é, na verdade, o 3º BE, e a disposição sincera de trabalhar para engrandecê-la ainda mais.

O trabalho específico das unidades de Engenharia, pelo caráter eminentemente técnico de que éle se reveste, não basta, no quadro normal das atividades do quartel, para forjar o espírito militar sem o qual não se teria na guerra a verdadeira Engenharia de Combate, aquela que se tornou legendária no Paraguai e que, mais recentemente, regressou coberta de glória, dos campos da Itália.

A técnica pura e simples é uma das condições de eficiência da Engenharia de combate, mas deverá associar-se ao espírito combatente,

ao entusiasmo, à capacidade de resistência e, sobretudo, a uma preparação moral coletiva, imprescindível a unidades que, no quadro de uma Divisão de Infantaria, deverão estar em condições de cumprir, muitas vezes, missões árduas e arrojadas, que exigem, simultaneamente, técnica e bravura.

Conrado Bittencourt é bem o nome para patrono de uma unidade de Engenharia de Combate do padrão do 3º BE. Foi sob o esu comando que o Batalhão de Engenheiros fez toda a sua trajetória gloriosa, desde a travessia do rio Paraná até a chamada campanha das Cordilheiras, na Guerra do Paraguai.

O Batalhão recebeu o seu batismo de fogo na Ilha da Redenção, em 10 de abril de 1866. Depois de assegurada a posse da Ilha, desde o dia cinco, tentaram os paraguaios retomá-la mediante um ataque de surpresa. Coubera a Cabrita defender, com uma guarnição que somava cerca de 900 homens, a posição conquistada como parte do Plano de Transposição do rio Paraná. A luta foi encarniçada, mas contamos com o apoio de fogo das canhoneiras Henrique Martins, Grenhalg e Chui. Graças a esse apoio, foi o inimigo detido e contra-atacado até sua completa expulsão da ilha.

Vilagran Cabrita, que era o Comandante do Batalhão de Engenheiros e comandava a defesa da Ilha da Redenção, estava redigindo a parte de combate quando o atingiu, mortalmente, um tiro de um

do canhões paraguaios do forte de Itapiru.

Coube a Conrado Bittencourt, então major, assumir o comando do Batalhão de Engenheiros, vago em virtude da morte gloriosa de Cabrita. A assunção do comando pelo major Conrado Bittencourt teve lugar a 13 de abril de 1866, no Acampamento do Exército Imperial junto ao Passo da Pátria. A partir daí, ele exerceu o comando direto do Batalhão em todos os grandes lances heróicos da guerra, em território inimigo. Coube-lhe, por isso mesmo, o mérito de haver dirigido a transformação que, progressivamente, teve de operar-se, durante a campanha, no emprêgo da tropa de Engenharia. Só muito mais tarde, já no período Republicano, viria o Exército Brasileiro a possuir a Arma de Engenharia, organizada em virtude da Lei n. 1.860, de 4 de janeiro de 1908. Na realidade, porém, foi o Batalhão de Engenheiros, quer empregado em conjunto, quer dividido em alas ou companhias, como que uma miniatura da Arma de Engenharia, que o Exército levou para a Campanha do Paraguai. Essa miniatura se revelou, logo de início, tão preciosa e tão imprescindível à própria marcha para o inimigo, que, antes mesmo do batismo de fogo das Armas Brasileiras, já se criava no Exército a consciência do valor e do papel da 4ª Arma. Ela existiu de fato, na campanha do Paraguai, através das ampliações e dos desdobramentos do Batalhão de Engenheiros e da criação do Corpo de Pontoneiros.

É bem verdade que, pela aprimorada cultura intelectual dos nossos engenheiros e pela falta de preparo profissional e espírito militar, que os caracterizava, em contraste com os oficiais de Infantaria, Cavalaria e Artilharia, não possuía o Exército, ao entrar em campanha, o verdadeiro tipo de oficial de Engenharia de Combate. E isso se explica pela formação e pelas atividades eminentemente técnicas da nossa Engenharia Militar, à qual devemos, aliás, serviços preciosos, nunca devidamente exalta-

dos, na construção de obras de defesa, de estradas estratégicas, etc. O que é verdade, porém, é que os nossos engenheiros eram mais doutores do que soldados, e, pela falta de experiência de guerra, do emprêgo de grandes unidades constituídas, exigindo grandes deslocamentos, transposição de cursos d'água, ataques diretos a fortificações inimigas, etc., era êsse o conceito que faziam dos oficiais da nossa Engenharia.

O retrato da mentalidade da época nos é dado pelo curioso "desafio" em versos, que sustentaram, muito à moda de então, cada qual fazendo troça do outro, o bravo artilheiro Benjamin Franklin de Albuquerque Lima e Conrado Bittencourt, que, logo depois, em 22 de setembro de 1866, seria promovido a tenente-coronel por ato de bravura. Isto era em plena campanha do Paraguai. O poeta artilheiro, troçando de Conrado Bittencourt, escrevera um soneto que fechava com esta "chave": "Pás, enxadas, machados e picaretas". Não se fez esperar o soneto de resposta do poeta engenheiro, que assim terminava: "Bombas, balas, granadas, lanternetas". O desafio continuou, com a descrição chistosa que faz Albuquerque Lima da ação do lendário Comandante do Batalhão de Engenheiros nas operações de 18 de julho de 1866. Trata-se do ataque às posições paraguaias, conduzido sob o Comando de Flôres. A sátira de Albuquerque Lima é a seguinte:

"Mas... cesse tudo. O Conrado
Da grandeza toca a meta
Grande mártir desvelado,
Da enxada e picareta.
Merece um trono de louros
Pelos trabalhos que enceta.
Suas glórias aos vindouros
Passa a Fama na corneta.

Quando a dezoito de julho,
Mil bombas eram lançadas,
E na força do Barulho,
As pistolas e as espadas
Brigavam com as baionetas;
O Herói, de mãos alçadas,
Procurava as picaretas,
E recontava as enxadas."

Cumpra salientar que, de acôrdo com a Ordem do Dia referente à jornada de 18 de julho, que destaca e elogia a ação dos oficiais e praças do Batalhão de Engenheiros "todos êles se mostraram dignos por sua bravura e entusiasmo nos combates, resignação e perseverança no trabalho, notando-se que êles trabalharam por mais de 24 horas, sem nenhum repouso, ora lutando com o inimigo, ora com a chuva e os serviços de fortificação".

De regresso da campanha, cheio de glórias, com a sua Bandeira condecorada pelo Imperador, o Batalhão de Engenheiros, sob o comando de Conrado Bittencourt trouxe para o Brasil, não sômente a semente da organização como, sobretudo, o espirito da Engenharia de Combate, que levamos para a Itália, com a FEB, e que deve ser objeto de um carinho especial nas unidades de Engenharia de Combate, principalmente nos tempos de hoje, em que essa Engenharia, não sômente é exaltada por todos quantos conhecem as exigências cada vez maiores da guerra moderna, como é olhada com respeito e confiança pelos camaradas das outras três Armas combatentes.

Daí a significação do ato governamental que deu ao 3º BE a denominação de Conrado Bittencourt.

O patrono do 3º BE nasceu no dia 11 de janeiro de 1829, na cidade do Rio de Janeiro. Ingressou nas fileiras do Exército a 16 de abril de 1843, como voluntário, no Batalhão Provisório de Caçadores de 1ª linha da província do Ceará. Foi reconhecido cadete de 1ª classe a 30 do mesmo mês e ano. Dissolvido o referido Batalhão, foi transferido em 1845 para o 1º Batalhão de Artilharia a Pé.

Depois de acompanhar o seu Batalhão à Bahia e Pernambuco, a cuja guarnição se incorporou a unidade, retomou, a 18 de janeiro de 1846, seus estudos na Escola Militar. Em 1847 foi matriculado no 3º ano.

A 7 de dezembro de 1847 foi promovido a 2º Ten. A 27 de agosto de 1849 foi classificado na 7ª Cia.

do 1º Batalhão de Artilharia a Pé, sendo que no mês de dezembro do mesmo ano exerceu as funções de vice-diretor da Fábrica de Pólvora da Estrêla. Em 1851 expedicionou, com o Batalhão, para a Campanha do Estado Oriental do Uruguai, desembarcando a 20 de setembro na Fortaleza do Cerro, procedente de Montevidéu. A 5 de abril regressou para o Brasil, com o Exército, já como ajudante de Batalhão, funções que vinha exercendo desde 16 de dezembro.

A 30 de abril foi promovido a 1º tenente, já nas funções de ajudante de campo da Brigada da Artilharia. Em 23 de novembro de 1853, recebeu no Quartel-General da Côrte uma medalha de prata comemorativa da campanha do Estado Oriental, sendo promovido a capitão, a 2 de dezembro de 1854, para a 2ª Cia. do 1º Regimento de Artilharia a Cavalo.

Em 1856 foi aprovado no exame da Arma, para o pôsto de major. A 20 de julho do mesmo ano seguiu, com a sua bateria, para Jaguarão. A 25 de setembro foi transferido para o 1º Batalhão de Artilharia a Pé. A 22 de abril foi nomeado secretário da Inspetoria da Arma de Artilharia; a 25 de junho de 1859 foi nomeado comandante da 1ª Companhia de Alunos da Escola Militar e em 5 de novembro de 1860, instrutor interino da 2ª classe da arma de artilharia. Em 4 de março de 1861 passou a exercer as funções de comandante do Batalhão de Engenheiros e instrutor de primeira classe da Arma de Artilharia da Escola Militar.

Convém esclarecer que o batalhão de Engenheiros fôra criado pelo decreto n. 1.535, de 23 de janeiro de 1855, que prescrevia:

"Os oficiais combatentes do Estado-Maior e os Subalternos das Companhias não fazem parte do Batalhão, e servirão por comissão, de qualquer das Armas científicas do Exército. Dos últimos, porém, poderá ser empregado em cada companhia um que não pertença àquelas armas.

O preenchimento das primeiras quatro vagas de Capitão será feito com os oficiais tirados de qualquer das armas científicas; depois, entrarão os capitães deste Batalhão em promoção com os oficiais do Corpo de Engenheiros.

O quartel do Batalhão de Engenheiros será na Escola de Aplicação do Exército, criado por decreto número 1.535, desta data, ficando subordinado ao Diretor da mesma Escola."

Em 2 de abril de 1862, Conrado Bittencourt deixou as funções de comandante do Batalhão de Engenheiros para exercer as de ajudante do Comando da Escola Militar, sendo nomeado para armar a Fortaleza de São João da Barra do Rio de Janeiro.

Em 3 de junho do mesmo ano, assumiu o comando da 2ª companhia de alunos, por ter concluído o serviço daquela Fortaleza e a missão de instruir a guarda nacional ali destacada.

Em 21 de dezembro foi exonerado do comando daquela companhia e desligado do Batalhão de Engenheiros. Passou a servir no 1º Batalhão de Artilharia a Pé, ao qual pertencia, e com ele seguiu para a Campanha do Estado Oriental do Uruguai a 26 de dezembro de 1862, na função de assistente do deputado do ajudante-general junto ao Comando da brigada expedicionária.

A 2 de janeiro de 1865 chegou a Frei Bento (Departamento de Paisandu). Embarcou a 18 na fragata Amazonas. A 25, reuniu-se, na barra de Santa Luzia, ao Exército em operações ao sul do Império, com êle se deslocando a 31 de janeiro, indo acampar, no dia 6 de fevereiro, na vila União, junto à cidade de Montevidéu. Aí assistiu à assinatura do Convênio de 20 de fevereiro de 1865, negociado pelo Visconde do Rio Branco, em virtude do qual o Brasil suspendeu o bloqueio e o regime de intervenção sobre Montevidéu. A República do Uruguai, até então nossa adversária, sob o governo Aguirre, passou, logo depois, sob o governo de Flôres, a

nossa aliada contra o Paraguai, de acôrdo com o tratado de triplice-aliança assinado, em 1 de maio de 1865, entre o Brasil, o Uruguai e a Argentina.

Como assistente do deputado do ajudante-general à 7ª Brigada (antiga Brigada Expedicionária), Conrado Bittencourt passou a servir junto ao comando da 1ª Divisão, com a qual marchou no dia 5 de abril de 1865 para a povoação de Santa Luzia, tendo regressado ao Cerro de Montevidéu, onde acampou, no dia 21. No dia 26 de maio embarcou no vapor "Princesa", desembarcando no dia 30 nas proximidades de Daiman. Daí, seguiu, no dia 25, para a margem esquerda do Uruguai, transpôs o rio para a província de Entre-Rios, junto a Concórdia, acampando no dia 25 no Ajuí, tendo no dia 16 de agosto prosseguido no movimento.

Como se vê, Conrado Bittencourt se desloca no quadro do movimento de concentração do Exército que, depois de atravessar as províncias de Entre-Rios e Corrientes, acampa em Lagoa Brava, a 21 de dezembro. Durante êsse deslocamento, no dia 18 de novembro, êle foi transferido para o Corpo de Estado-Maior de Artilharia.

A 22 de janeiro de 1866 foi promovido ao posto de major, por merecimento, para o Corpo de Estado-Maior de Artilharia.

A 10 de fevereiro marchou com o Exército para Talacorá. A 18, passou à disposição do comando da 2ª Divisão de Cavalaria, e a 12 de março foi transferido para o Comando Geral de Artilharia.

A 13 de abril, em consequência da morte de Cabrita, assumiu o comando do Batalhão de Engenheiros. A cerimônia se realizou no acampamento do Exército Imperial, junto ao Passo da Pátria.

É, a partir daí, que se inicia — a bem dizer — a longa e cruenta jornada através da qual o emprêgo do Batalhão de Engenheiros, a principio solicitado para todos os misteres, enverada nitidamente, para as missões específicas da Engenharia de combate, tal como a com-

preendemos hoje. De um modo geral, os oficiais integrantes do Batalhão eram oriundos da Arma de Artilharia. O próprio Batalhão seguiu para a campanha do Paraguai fazendo parte do comando geral da Artilharia. Cabrita, como Conrado Bittencourt, e muitos outros oficiais do Batalhão, eram oficiais brilhantes da Arma de Artilharia. A campanha do Paraguai ia formar, na experiência direta do campo de batalha, os oficiais que, na realidade, seriam os nossos primeiros oficiais de Engenharia. E era sob a égide desse pugilo de heróis e de brilhantes oficiais que nascia a essência da nossa atual 4ª Arma.

À frente deles, ressalta a figura varonil de Conrado Bittencourt, a quem cabe comandar o Batalhão de Engenheiros desde o episódio da Ilha da Redenção, que nos arrebatara a vida gloriosa de Cabrita, até a fase final da guerra em território inimigo.

A partir de 13 de abril de 1866 passava a ser Conrado o Comandante do Batalhão de Engenheiros, com o qual transpôs o rio Paraná e acampou no Passo da Pátria em 24 de abril. O Batalhão fazia parte da vanguarda do Exército, sob o comando de Flôres, por ocasião do ataque do dia 20 de maio, no Estero-Bellaco, às trincheiras do Passo Cidra. No dia 24 de maio, travava-se a batalha de Tuiuti, aonde o inimigo fôra acolhido e se reorganizara, depois de abandonar o Estero-Bellaco. Em seguida ao primeiro reconhecimento, feito no dia 23, estava previsto um novo reconhecimento, às 14 horas do dia 24. Mas o inimigo atacou, de surpresa, às 11 horas, e os acontecimentos se precipitaram. O Batalhão de Engenheiros, sob o comando do major Conrado Bittencourt, atuou na batalha, inicialmente, à disposição do Comando Geral da Artilharia, como tropa combatente. Desempenhou, na primeira fase, missões de proteção e, na fase final, assegurou a limpeza do campo de batalha.

Desde o dia 20, porém, fôra incumbido dos trabalhos de organização do terreno, sobretudo em pro-

veito do 1º Regimento de Artilharia a Cavalos, que ocupava a extrema direita do dispositivo, para o qual o Batalhão organizou obras de fortificação de campanha.

É interessante assinalar as ligações de combate que foram estreitas e constantes, durante a campanha do Paraguai, entre a Engenharia de Conrado Bittencourt e a Artilharia de Mallet, pelo simbolismo da coincidência que reúne, hoje, no quadro da 3ª DI, no Rio Grande do Sul, o Regimento Mallet, de Santa Maria, e o Batalhão Conrado Bittencourt, de Cachoeira do Sul.

Quando às 11 horas e 45 minutos da manhã de 24 de maio, o fogo inimigo começou a fustigar, de um laranjal próximo, as posições de bateria de Mallet, o major Conrado Bittencourt se apressou em neutralizá-lo, com os seus próprios meios. E evidente que, armado apenas com mosquetões de alcance muito reduzido, não poderia o Batalhão obter nem a densidade nem a continuidade de fogo, que eram necessárias. Era mais o tiro de caçador, que fazia os seus soldados, mas com isso se ganhou o tempo necessário para a chegada da tropa de infantaria que, ultrapassando os elementos do Batalhão de Engenheiros, conseguiu repelir o inimigo.

Por fim, terminada a batalha, dois contingentes do Batalhão de Engenheiros foram lançados com os destacamentos de aproveitamento de êxito. Vê-se, assim, que a nossa Engenharia era, num só tempo, tropa combatente e tropa técnica, solicitada para todos os misteres, inclusive para transporte de munição e para as próprias mudanças de posição da Artilharia de Mallet.

Em 28 de maio, Conrado Bittencourt foi ferido, por bala de fuzil, no combate que teve lugar ainda nas posições de Tuiuti.

Acompanhou êle os combates da "linha negra" de 16 a 18 de julho, e foi promovido a tenente-coronel, por ato de bravura, a 22 de setembro.

A partir daí, o Exército Aliado como que foi perdendo a iniciativa

dos acontecimentos, principalmente depois do insucesso de Curupaí. Uma vez reorganizado e refeito, passou êle, porém, a retomar sua atividade no meado de 1867, quando Caxias assume a direção das Forças Brasileiras, reunindo, sob o seu Comando único, todos os elementos da Esquadra e do Exército. Vai êle executar a manobra que concebera, com as forças que reorganizara. E, daí, a marcha de flanco que irá pôr em cheque a posição de Humaitá.

No dispositivo de marcha da sua Ordem de Movimento, consta :

Vanguarda :

Cmt. — Tenente-General Barão de Herval.

Tropa — 1ª e 2ª D.I. brasileiras ;

Infantaria e artilharia orientais ;

Três companhias do Batalhão de Engenheiros ;

A 4ª D.I. Brasileira, reforçada.

Grosso :

Todo o Exército argentino ;

5ª D.C. brasileira ;

Três companhias do Batalhão de Engenheiros.

.....

.....

No dia 21 de julho, o Batalhão de Engenheiros marchou, sob o comando do Tenente-Coronel Conrado Bittencourt, com destino a Tuiui-Cuê, onde os seus primeiros elementos chegaram no dia 29. A 31, Conrado Bittencourt estava com todos os seus elementos aí reunidos.

Em 19 de março de 1868, Conrado Bittencourt seguiu, com o Batalhão, acompanhando a vanguarda do Exército, a fim de construir obras avançadas de fortificação face às trincheiras de Passo Pacú. Êle participou do reconhecimento à viva força sobre a posição inimiga, tomando parte ativa no combate e

“fazendo arrazar os entrincheiramentos avançados paraguaios, que dêles foram rechassados, sendo louvado pela maneira honrosa e distinta por que se houve”. Foi graças à sua ação que foram inutilizadas as principais organizações inimigas no flanco direito, no dia 22, o que facilitou o acesso às fortificações, que foram arrasadas.

Regressou Conrado Bittencourt ao acampamento no dia 23 de março de 1868. Recebeu êle, pela sua ação anterior, dois elogios significativos : O comando do 3º Corpo de Exército o louvou “pelo bem que desempenhou a missão de que foi encarregado de abrir caminho através das fortificações inimigas, cujo serviço foi feito com zelo e dedicação”. O Comandante-Chefe o elogiou “em vista da maneira honrosa e distinta por que se houve no comando do Batalhão de Engenheiros na jornada de 21 e no reconhecimento da trincheira inimiga de Passo-Pacú”.

Com a ala direita do Batalhão, marchou Conrado Bittencourt na vanguarda do Exército, acampando em Paracuê a 4 de abril. Foi incumbido de estabelecer a linha do sítio à praça de Humaitá. Tomou parte destacada no reconhecimento à viva força feito sobre as fortificações de Humaitá, no dia 16 de julho, com o Batalhão de Engenheiros sob seu comando e os demais elementos da vanguarda sob o comando do general Visconde do Herval.

As três horas da madrugada do dia 16, o Batalhão de Engenheiros fôra alertado sobre o ataque e a missão que lhe caberia desempenhar. Reunido e aprovisionado de toda a ferramenta, recebeu ordem de colocar-se junto ao mangrullo da 2ª Divisão de Cavalaria, pronto para combater e transportar os meios de assalto. Ao alvorecer, o general mandou cessar o fogo da Esquadra e tocar avançar, ordenando que o Batalhão de Engenheiros acompanhasse o 4º Batalhão de Infantaria. Conrado Bittencourt cumpriu a ordem, conduzindo consigo nove carretas que havia arre-

cadado no caminho. Ao atingir o primeiro banhado, além do alcance da Bateria da Esquadra, a artilharia inimiga se concentrou sobre sua tropa. Mesmo assim, pôde alcançar a trincheira avançada do inimigo, transpondo três fossos que a defendiam. Carregou, então, procurando abrir caminho. Galgou, para isso, uma espessa linha de abatizes que guarnecia exteriormente o parapeito da linha paraguaia. Chegou a oito passos de três peças de calibre 68, cujo fogo conseguiu calar. Ficou, porém, o Batalhão em situação muito precária, sendo tomado de flanco pelo fogo da artilharia e da infantaria inimiga. Não era possível progredir mais. Além de tudo, a fadiga e a perda de muitos elementos já não aconselhavam tal atitude, que poderia agravar a situação. Osório o percebeu. Ordenou, em tempo, o retraimento. Ele acompanhou de perto a atuação dos heróicos soldados do Batalhão de Conrado Bittencourt, cuja bravura e sangue frio ressaltou, em palavras muito honrosas, no elogio que publicou em Ordem do Dia. Coube ao Batalhão de Engenheiros a maior porcentagem de perdas na ação sobre Humaitá. E é preciso considerar que se tratava de uma tropa de técnicos e combatentes.

A praça de Humaitá esteve sitiada até 5 de agosto, quando Caxias, mantendo vigilância no Chaco e no Taí, determinou a Osório e Argolo um reconhecimento mais profundo. Logo depois, foi o Batalhão de Engenheiros incumbido de coroar a sua ação gloriosa, abrindo o caminho para a passagem das nossas forças através da fortaleza, já abandonada pela guarnição. O Batalhão de Conrado Bittencourt participou, assim, não somente do sítio imposto à praça de Humaitá sob a ação inicial dos bombardeiros com que a fortaleza reagira, como, também, da abordagem e da travessia do reduto paraguaio. No dia 16 de agosto, partiram, sob o comando de Conrado Bittencourt elementos do Batalhão em perseguição ao inimigo. Em 24 de se-

tembro, Conrado Bittencourt acampou, com o Batalhão, em Palma.

Na Ordem do Dia n. 237, o comando-chefe fez um elogio especial ao Tenente-Coronel Conrado Bittencourt pela sua atuação em Humaitá, "onde à frente do Batalhão sob o seu comando, afrontando a mortífera chuva de metralha, granadas, balas rasas e fuzilaria, acampanhando, com o seu Batalhão, o Visconde de Herval e a 7ª Brigada, transpôs as primeiras linhas de fosso, antepostas à Praça, superando todas as dificuldades do terreno e acessórios de defesa, até o fosso principal, junto ao ângulo do mangrullo. Finalmente, sua Excia. aproveita esta oportunidade para render ao Batalhão de Engenheiros e seu digno chefe, os elogios de que se fazem credores, não só pelos serviços prestados no reconhecimento do dia 16, como em todas as vezes que o seu trabalho tem sido necessário ao Exército, já nas ocasiões dos imensos combates em que se tem achado, e já nas lides de marcha, passagens de rios e segurança de acampamento".

O Batalhão de Engenheiros, cumprida a missão de Humaitá, fôra reunir-se ao 3º Corpo de Exército, que fazia a vanguarda dos Aliados. Encontrava-se, assim, em Palmas, na marcha para Assunção.

No dia 1 de outubro tomava a vanguarda contacto com a posição inimiga de Angustura. Estabelecido esse contacto, ordenou o Barão de Triunfo o ataque à viva força, que foi coroado de pleno êxito. Coube ao Batalhão de Engenheiros a missão de arrazar as obras avançadas do inimigo. Graças à sua atuação decisiva, foi êle citado "pelo distinto comportamento no combate, salientando-se a atividade, zelo e inteligência do seu Chefe". Mereceu, ainda, outra citação "pela coragem, galhardia, calma e boa ordem que demonstrou".

A 22 de novembro, Conrado Bittencourt passou com o Batalhão para o Chaco, na margem direita do rio Paraguai, a fim de preparar a estrada e as pontes por onde de-

veria passar o Exército, que tinha de contornar as posições inimigas. Repassou o mencionado rio para Santo Antônio, na margem esquerda, no dia 5 de dezembro. Marchou no dia 6, com o Exército, em preseguição do inimigo. Participou do combate dêsse dia sôbre a ponte de Itororó e na batalha do dia 11 junto ao arroio Avaí. Foi promovido nesta data ao pósto de coronel, por ato de bravura. No dia 19, assumiu o comando da praça de Vileta, que foi guarnecida pelo Batalho de Engenheiros.

A jornada do dia onze de dezembro, em Avaí, foi, realmente, gloriosa para Conrado Bittencourt. O inimigo estava reforçado por tropas vindas de Vileta e a natureza como que se aliara à resistência que êle se dispunha a oferecer. Chovia torrencialmente e a água alagava o campo de batalha, do comêço ao fim da luta. A tropa de engenharia, ainda não refeita do grande esforço empreendido, no dia, em Itororó, empenha-se, a fundo, na luta de Avaí. O próprio Imperador o reconheceu no louvor especial que fêz ao Batalhão "pelo valor e intrepidez que demonstrou, nos dois combates, conseguindo romper e desbaratar as forças inimigas, confirmando, assim, a bem merecida reputação de bravura e de disciplina de que goza para com o Governo".

No dia 20 de dezembro foi confirmada pelo Governo a promoção que, por ato de bravura, havia Conrado Bittencourt recebido, em plena luta no Avaí, por ato do Comando-Chefe.

A 18 de janeiro de 1869, apresentou-se Conrado Bittencourt ao Exército, em Assunção.

Ulteriormente, acampou em Pirajú. Daí marchou, em 1 de agosto, com o 1º Corpo do Exército, chegando no dia 5 à picada de Sapucaí. Na noite dêsse dia mandou construir baterias contra as fortificações inimigas, sendo feið êsse trabalho sob o contínuo fogo de metralha e fuzilaria.

No dia 12 de agosto tomou parte no assalto e conquista da praça de Peribebui, sendo ferido a arma

branca no dia 16. Participou da batalha de Campo Grande, no primeiro passo do rio, até a completa derrota do inimigo.

O coronel Conrado Bittencourt mereceu destaque especial na parte dirigida por sua Alteza o Príncipe Conde d'Eu ao governo Imperial, "pelos serviços prestados na picada de Sapucaí, como bemérito na tomada de Peribebui, comandando o Batalhão de Engenheiros, à cuja ligeireza foi devido o bom resultado da ação de Campo Grande na passagem da artilharia no primeiro passo do rio, onde o inimigo se mantinha com tenaz resistência". Foi, também contemplado o nome de Conrado Bittencourt no elogio feito por Sua Majestade o Imperador, em Aviso do Ministério da Guerra, de 6 de setembro, no qual "Sua Alteza o cita, com efusão, por ter valiosamente concorrido para os triunfos que, nesses feitos darmas, alcançou o Exército por seus esforços em prol da honra e integridade do Brasil". No dia 20 de setembro, Conrado Bittencourt embarcou, em Arentaguá, com a ala direita do Batalhão, fazendo parte da vanguarda, com a qual chegou, no dia 21, à vila de Rosário.

Aí, assumiu êle o comando da praça e das forças estacionadas. A 8 de outubro, marchou com o Batalhão para Santo Estanislau.

O nome de Conrado Bittencourt foi incluído na manifestação de regosijo promovida pelo Senado, para exprimir o sentimento de júbilo e reconhecimento de tôda a Nação, assim como no louvor e reconhecimento da Câmara de Deputados aos que concorreram, com o Exército, para o grande feito de armas do dia 12 de agosto (Peribebui).

Durante a parada do Batalhão em Itacurubi (dia 11 de outubro de 1869), obteve Conrado Bittencourt três meses de licença para ir à capital do Império. Foi aí que, já no fim da campanha, êle se afastou pela primeira vez do Batalhão de Engenheiros. Esse afastamento, porém, não é definitivo.

Em 30 de março de 1870 foi classificado como coronel efetivo e comandante do 3º Batalhão de Artilharia a Pé. No dia 24 de outubro foi novamente nomeado comandante do Batalhão de Engenheiros. No dia 31 de outubro voltava Conrado Bittencourt ao Batalhão que tanto já havia honrado e dignificado nos campos do Paraguai. Daí a grande emoção que transparece das palavras da sua Ordem do Dia n. 1, de 31 de outubro de 1870:

“Nomeado comandante interino do distinto Batalhão de Engenheiros, eu sinto hoje a mais viva satisfação em me reunir a tão bravos quanto leais e bons companheiros na campanha do Paraguai, onde tive a honra de o comandar, sem interrupção, desde a margem esquerda do Paraná, em 13 de abril de 1866, até 11 de outubro de 1869, em Itacurubi, nas Cordilheiras, em cujo lugar motivo muito imperioso para mim, me obrigou a separar-me deste Batalhão que o fazia o orgulho de minha posição de seu comandante, pois preferi sempre comandá-lo a aceitar mais subidos comandos a que me dava direito a minha graduação; porque a êsse benemérito Batalhão, tanto nas ocasiões de contínuo e árduo trabalho de sua especialidade, onde iminente perigo nos acompanhava, passo a passo, como na hora das privações e dos perigos, nos imensos combates em que com êle me achei, nunca me foi preciso lembrar-lhe o cumprimento do seu dever, pois se conservava resignado, encorajado e sempre fiel ao Imperador e à Pátria”.

No dia 6 de novembro de 1870 o Batalhão se transferiu para o seu quartel na Praia Vermelha, ainda sob o comando de Conrado Bittencourt.

Em 5 de julho de 1871, Conrado Bittencourt reverteu ao corpo de Estado-Maior de Artilharia, continuando no Comando do Batalhão de Engenheiros.

Em 14 de fevereiro de 1878 foi designado para servir, provisoriamente, no lugar de 2º Comandante da Escola Militar. Foi promovido ao posto de Brigadeiro em 5 de abril de 1879 e nomeado para inspecionar as forças estacionadas na província de S. Paulo e, logo depois, as fortalezas do pórtio do Rio de Janeiro e o 2º Regimento de Artilharia a Cavalo (19º e 22 de novembro).

Em 16 de maio de 1880 foi nomeado quartel-mestre general. Em 27 de setembro foi designado para, em comissão, sob a presidência do Marechal Conde d'Eu, elaborar um novo plano de organização do Exército, de acôrdo com os melhoramentos introduzidos nos Exércitos modernos.

D. Pedro II agraciou os serviços de Conrado Bittencourt com a mercê de moço fidalgo em exercício na Casa Imperial, em 19 de junho de 1860. Recebeu êle o grau de cavaleiro da Ordem de S. Bento de Aviz em 13 de maio de 1862; o de cavaleiro da Ordem de Cristo em 21 de abril de 1864; o de cavaleiro e oficial da Ordem do Cruzeiro em 17 de agosto de 1866; o de oficial da Ordem da Rosa (13 de abril de 1867) e medalhas da campanha do Uruguai (1851-1852), das forças sob o comando do general João Propício Mena Barreto, do Mérito Militar e Campanha Geral do Paraguai.

Foi casado em primeiras núpcias com a senhora Paulina Zulmira de Saldanha, filha do Dr. Joaquim Saldanha Marinho e da Senhora Paulina de Saldanha Carvalho. Em segundas núpcias se casou com a senhora Leopoldina Alvares Huet de Magalhães, filha de José da Agonia Alves de Magalhães e de D. Ana Joaquim Guedes Huet de Magalhães.

O Brigadeiro Conrado Maria da Silva Bittencourt faleceu em 8 de maio de 1885 na cidade do Rio de Janeiro.

NOTA — Os dados foram coligidos, principalmente, da História da Arma de Engenharia e alguns documentos de arquivo do autor, além do excelente trabalho de nosso saudoso amigo e historiador Laurêncio Lago: “Os Generais do Exército Brasileiro”.